

## **Entre fitas e palcos: Um panorama do cinema belenense (1917-1920)\***

Francisco da Silva Coelho Neto<sup>1</sup>

### **I**

Desde 1898 pode-se inferir que vários foram os pesquisadores que se debruçaram sobre a relação cinema-história, assim, podemos, no entanto afirmar que ela é tão antiga quanto o próprio cinema, no caso brasileiro encontra-se em José Honório Rodrigues, em um livro publicado em 1952, nas reflexões acerca das possibilidades que o cinema oferece para a pesquisa histórica.<sup>2</sup> Jean-Louis Leutrat, faz uma aproximação entre história e antropologia. Partindo da ideia de que o espaço é a matéria da antropologia e o tempo a matéria prima da história, é possível entrecruzar as duas ciências a fim de fazer do cinema um domínio em que ambas ciências enriqueçam o conhecimento do objeto. Um projeto de história do cinema poderia ser o de reconhecer a maneira pela qual os atores sociais revestem de sentido as suas práticas e os seus discursos.<sup>3</sup>

Desde que surgiu em 1895 na Europa, o cinema revolucionou a sociedade, assim sendo, Marc Ferro propõe uma série de questionamentos, como coloca o autor “desde que o cinema se tornou uma arte, seus pioneiros passaram a intervir na história com filmes documentais ou de ficção, que, desde sua origem, sob a aparência de representação, o doutrinam e o glorificam”<sup>4</sup>. O cinematografo e as tecnologias de reprodução de imagens produziram um extraordinário fenômeno de massas. Desde 1895 com as primeiras exibições de imagens através do Vitascope de Thomas Edison, e do cinematógrafo dos irmãos Augusto e Louis Lumière, os cinegrafistas trabalhavam a rodar a manivela durante um minuto, nada mais, o ideal era procurar assuntos que desfilassem na frente da tela, evitando, assim que o filme ficasse monótono, naqueles primeiros meses o que valia era a qualidade técnica e não seu eventual conteúdo.

---

\*Este artigo foi produzido a partir do projeto de monografia de conclusão de curso de graduação, orientada pelo professor Dr. Pere Petit Penarrocha.

<sup>1</sup> Graduando do curso de História Lic./Bach. Pela Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> RODRIGUES, J. H. *A pesquisa histórica no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1952. p. 174-176. O historiador está particularmente preocupado com as formas de “falsificação” do cinema. Para ele, “toda a crítica externa e interna que a metodologia da história impõe ao manuscrito impõe igualmente ao filme. Todos podem igualmente ser falsos, todos podem ser ‘montados’, todos podem conter verdades e inverdades”.

<sup>3</sup> LEUTRAT, Jean-Louis. *Uma Relação de diversos andares: Cinema e História*. Revista Imagens, n. 5, ago/dez 1995, p. 28-33.

<sup>4</sup> FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. P. 14.



Os primeiros anos do cinema podem ser facilmente explicados pela relação entre modernidade e cinema, já que se discute que para compreender a relação entre modernidade e cinema é preciso entender a modernidade e a história do cinema no Brasil e no mundo, para podermos entender a construção do cinema como entretenimento e também como produção de imagens do real. Nos anos iniciais do cinema, o mesmo serve para a classe que detém o domínio político e econômico, o cinema aparece em seu primeiro momento como o próprio real, já que as imagens mostradas são inquestionáveis pela sua verdade. Belém sofreu com os efeitos desse ar de modernidade, assim pela atividade econômica houve transformações políticas, sociais e culturais, a decadência da borracha não afeta o crescimento das salas de projeções e da quantidade de filmes que eram exibidos, assim sendo com uma estrutura já montada o cinema tornou-se um dos principais meios de veiculação não apenas de dramas e comédias, mas também se tornou um meio importante de comunicação sobre a primeira guerra mundial. A consolidação dos cinemas em Belém se dá tanto pela fixação de salas de Cinema como Olympia, Palace Theatre, Odeon, Rio Branco e Paris e conseqüentemente com fixação de um público que fazia vários filmes virarem sucessos quase que instantâneos, como aconteceu com o filme *A Besta Humana* em 1917, como foi retratado no jornal *A Folha do Norte*:

Assim neste momento o cinema aparece como um importante instrumento de veiculação de informações sobre a guerra seja através de cinejornais ou de filmes produzidos exclusivamente com o viés de propaganda para a primeira guerra mundial, já que nesse momento o entendimento do público sobre o cinema era mais fácil.

Os países beligerantes repassaram para os cinemas locais, através das casas produtoras, filmes com a temática da primeira guerra mundial que inicialmente chegaram a partir de cinejornais, Importante notar que até 1914 os cinejornais marcaram as transmissões pelos cinemas de Belém, portanto os filmes tinham um caráter informativo sobre a guerra até esse momento.<sup>5</sup> Pode-se perceber no jornal *A Folha do Norte* o discurso patriótico desses filmes ou cinejornais que chegavam retratando a primeira guerra mundial e pela propaganda maciça que era feita e o posterior sucesso destes filmes pode-se ver a recepção do público acabava tecendo as expectativas do discurso patriótico inicial com qual estes filmes aportavam em Belém.

---

<sup>5</sup> SILVA, Allan Pinheiro. O cinema político: a propaganda sobre os filmes bélicos durante a primeira guerra mundial em Belém. Monografia de conclusão de curso de história da UFPA. Belém, 2003..



As primeiras décadas do século XX foram testemunhas de grandes transformações ocorridas na cidade de Belém muito em decorrência da economia gomífera<sup>6</sup>. O espetáculo dos cinematógrafos, tanto em aspecto técnico quanto em seu aspecto imaginário, surge ao final do século XIX e adentra o século XX estimulando novos hábitos de lazer e sociabilidade<sup>7</sup>. Em Belém as exibições dessas imagens vieram logo em seguida de sua exibição na Europa, de dezembro de 1896 até o fim da primeira guerra mundial foram criadas varias salas de exibição de filmes, estudar o cinema em Belém remete à reconstrução do cotidiano citadino da população e sua interação com as salas de projeção e exibição de filmes. Neste olhar sob o espectador das salas de cinema de Belém da segunda década do século XX, o que se privilegia é o seu papel ativo, não como mero receptor, mas como interlocutor da mensagem fílmica. É esse “espectador-interlocutor”<sup>8</sup> quem descobre no texto significações que se referem a seus próprios sistemas de compreensão e de valores.

O domínio de Hollywood sobre o publico dos cinemas brasileiros não se deu de imediato com a criação do cinema. Desde sua aparição em Belém até a primeira guerra mundial os filmes europeus dominaram o mercado cinematográfico brasileiro. Os filmes vindos da França, Inglaterra e Alemanha faziam sucesso perante o publico belenense. Nesse período o cinema norte-americano estava constituindo suas bases, que veio a se concretizar nos anos posteriores.<sup>9</sup> Na segunda década do século XX os filmes europeus eram os mais exibidos nos cinemas da cidade. Empresas produtoras, como a *Pathé Freres* Francesa, distribuía para os cinemas no Brasil variadas películas e no decorrer da primeira guerra mundial as maiorias dos filmes exibidos vinham da Europa. Nesse momento não havia filmes de grande repercussão vindos dos Estados Unidos, porém após a guerra com o enfraquecimento das potencias europeias e consequentemente das cinematografias europeias é a vez dos Estados Unidos se instalarem como cinematografia dominante.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> VERISSIMO, José. Estudos Amazônicos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Pará, 1970. P. 240.

<sup>7</sup> ANDRADE, Luiz Alexandre M. de. *Haverá espetáculo mesmo que chova: o espetáculo dos cinematógrafos em Belém do Pará (1900-1910)*. Monografia curso de história da UFPA. Belém, 2011.

<sup>8</sup> CARNEIRO, Eva. *A Recepção Cinematográfica e as Representações Sociais de Gênero na Belém dos Anos de 1920*. História e-História, v. 4, 2011, p. 3.

<sup>9</sup> PETIT, Pere. *Cinema e História no fim da Belle-Époque Belenense (1911-1913): Contribuição ao Cinema Paraense do cineasta Ramon de Baños*. Cadernos CERU (USP), v. 22, p. 15-44, 2011, p. 20.

<sup>10</sup> Reis, Valeria Vilma Eleutério. *Luz e sombra: Cinema e modernidade em Belém do Pará(1912-1922)*. Monografia de conclusão de curso, UFPA, 2003.

Compreender os primeiros anos de cinema em Belém é também buscar entender o simbolismo dessas primeiras exibições, refletindo o que acontecia no mundo ou apresentando novos significados. Dessa forma o cinema pode ser um elemento de análise e reflexão sobre a produção dos discursos, pois o cinema é um produto, “representação, arte, expressão contemporânea que faz parte da estrutura do poder simbólico”<sup>11</sup>. O filme dramatiza, nos dá um enredo básico, lida com fotografias, imagens e através de signos nos passa uma mensagem que pode ser respondida pelo signatário da mensagem fílmica no seu cotidiano.

## II

A pesquisa tem como objetivo construir um panorama sobre o cinema em Belém na segunda década do século XX, baseia-se nesta pesquisa apresentar de uma até ampla o espaço cinematográfico em Belém neste período, para isto é necessário conhecer o período do cinema ambulante e reação do público mediante esta nova “maravilha”, já que nesta fase do “cinema ambulante”, os espaços exibidores configuraram um espaço de suma importância, o destaque dado pela imprensa, a reação do público e a distinção social que esta nova forma de lazer provocava se assemelha ao que iria acontecer na década seguinte.<sup>12</sup> Para entender a história do cinema em Belém no período estudado tem de se levar em conta a história do cinema de um modo geral, no dia 18 de dezembro de 1895 deu-se pelos irmãos Lumiere a primeira exibição cinematográfica, sabe-se que desde antes de 1895 já se realizavam exibições públicas dos cinematógrafos, buscando então as ideias sobre as origens do cinema anteriores a 1895 para demonstrar que os primeiros anos do cinema são marcados pelo “espetáculo da ilusão” que os aparelhos de cinematografia produziam, a impressão de realidade foi, de variadas formas, a base para o sucesso do cinema em Belém. Nos primeiros anos do cinema em Belém o cinema estava longe de ser considerado um tipo de arte, durante este período os filmes produzidos tinham um caráter de espetáculo popular e não eram vistos como um tipo de diversão sofisticada, diferentemente do que vai ocorrer uma década depois no momento ao qual o cinema já vai ter se consolidado e cinematografia mundial já pode produzir o sofisticado e o popular, logo na primeira década do século XX a visão sobre o cinema já começaria a mudar, o cinema, neste momento identifica-se com as classes mais privilegiadas quando inicia a tentativa de adaptar romances, peças e poemas, a partir da segunda década do século XX o

---

<sup>11</sup> FERRO, Marc. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. P. 15.

<sup>12</sup> ANDRADE, Luiz Alexandre M. de. *Haverá espetáculo mesmo que chova: o espetáculo dos cinematógrafos em Belém do Pará (1900-1910)*. Monografia curso de história da UFPA. Belém, 2011.



cinema já começa a ser visto como uma manifestação artística. No início do século XX, Belém vivia as consequências da economia da borracha, a cidade transformava-se para adquirir ares modernos e de civilidade, assim sendo, neste momento em Belém o espetáculo dos cinematógrafos ganhava cada vez mais espaço. As primeiras exposições eram realizadas em lugares improvisados como, feiras, teatros e nos parques de diversões até a inauguração do primeiro espaço exibidor de filmes em Belém, o cinema Olympia.<sup>13</sup>

A trajetória do cinema, entre outros caminhos, vincula-se ao espectador, já que o ato de ir a uma sala de projeção é tal que o próprio aparato nos convida a identificação<sup>14</sup>. O espectador interpreta e atribui significados de acordo com a sua subjetividade, por conta disso, não podemos afirmar que exista apenas um significado absoluto em cada obra, nem que exista uma plateia homogênea e passiva, haja vista que, as mensagens são interpretadas livremente por cada um dos que a recebem. Desse modo, os espectadores imprimem às cenas assistidas, significados que podem fugir daquilo que é previsto e planejado pelos exibidores. Para Ferro, “o filme é um testemunho singular do seu tempo. O filme possui uma tensão que lhe é própria, trazendo a tona elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa da proposta por seus segmentos”<sup>15</sup>.

Nesta pesquisa, torna-se pertinente a análise do cinema como eixo temático na construção de uma história social de Belém, inserindo o cinema como forma, representado através do seu lazer, como campo de estudo histórico do cotidiano Belenense. O público que frequentava as salas de projeção nas primeiras décadas do século XX era formado por inúmeros rostos e histórias individuais distintas. Tanto as donzelas da alta sociedade, quanto prostitutas e coronéis, poderiam sentar-se lado a lado naqueles espaços. No entanto cada um destes sujeitos poderia atribuir significados diferentes ao que havia acabado de assistir que repercutiriam de maneira de cada um lidar com as suas vidas. Assim sendo pode-se dizer que o cinema colaborou para a construção de novas formas de se perceber o papel social das mulheres, homens, família, entre outros. Por essa massa que frequentava os cinemas ser formada por uma maioria tão heterogênea e por vezes antagônica, a igreja católica viu necessidade de interceder por meio de seu jornal em favor da moral e bons costumes.

---

<sup>13</sup> ANDRADE, Luiz Alexandre M. de. *Haverá espetáculo mesmo que chova: o espetáculo dos cinematógrafos em Belém do Pará (1900-1910)*. Monografia curso de história da UFPA. Belém, 2011.

<sup>14</sup> TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*, São Paulo, Summus, 1997, p. 114.

<sup>15</sup> FERRO, Marc. *O filme: uma contra análise da sociedade?* In: Le Goff, J. NORA. P. (Organizadores). *História Novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. P. 202-203.

Podemos destacar o papel ativo do espectador nas salas de Belém em meados da segunda década do século passado.<sup>16</sup>

Os estudos de Graeme Turner nos ajudam a compreender o cinema, como o próprio afirma revestido da prática social:

*“Mas ficou claro que a razão pela qual queremos estudar cinema é porque se trata de uma fonte de prazer e significado para muita gente em nossa cultura”*(Turner, 1997:40)

O cinema em Belém no período estudado em muitos momentos tinha muito deste caráter de ser um produto para diversão, além das comédias que geralmente eram exibidas logo após ou antes, como matinés dos filmes considerados dramáticos pela crônica belenense, era usual alguns dias dos cinemas de Belém, *Olympia*, *Odeon*, *Palace Theatre*, *Rio Branco* e *Paris* exibirem filmes voltados para o público eram dias em que as comédias eram ganhavam importância como um produto de diversão, os filmes para a “pirralhada” eram comuns nos cinemas de Belém, como nos demonstra o jornal *A Folha do Norte* datado de agosto de 1917:

### III

À medida que constatamos a importância do cinema para a sociedade da época, sobretudo na segunda década do século XX, podemos ainda inferir que os filmes que eram exibidos deviam ter algum impacto não apenas sobre uma nova forma de pensar o papel social de cada um por meio do que era passado nas telas do cinema, mas também sobre a própria constituição de uma memória visual.

O cinema não era apenas só um lugar de diversão, nem só um lugar de ilusão, onde que ia assistir, simplesmente esquecia-se da sua vida cotidiana, assim como nos afirmam Vanoye e Goliot-Lete “O filme opera escolhas, organiza elementos entre si e decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, ampliando certos defeitos, propondo um

---

<sup>16</sup> CARNEIRO, Eva. *A Recepção Cinematográfica e as Representações Sociais de Gênero na Belém dos Anos de 1920*. História e-História, v. 4, p. 1, 2011.



“contramundo” etc.)”<sup>17</sup>. Desse modo, um filme, enquanto prática social, é uma representação da realidade e da sociedade e fazer ver de forma espelhada o que já não víamos, através de histórias reais ou imaginadas. O cinema nasceu para rerepresentar o mundo ao homem, para que ele se veja e reveja, suas relações consigo mesmo, muito embora, possa se afirmar que é igualmente importante estudar como se deu e qual a importância da recepção cinematográfica em Belém no período que vai ser estudado, no final da segunda década do século XX, pois o texto fílmico ganha diferentes contornos de acordo com a plateia que o assiste, sendo assim o filme adquire diferentes identidades e funções sociais.

Já que o início de 1915 é marcado pela proliferação nos cinemas de Belém de vários cinejornais com o foco na primeira guerra mundial, o cinejornal teve papel fundamental na transmissão de imagens sobre o conflito e no seu uso para influenciar o público. As produtoras francesas *Pathé Freres* procuravam exaltar o patriotismo e o heroísmo dos países aliados, a produtora alemã procurava demonstrar a força do império, com a entrada da Itália na guerra em 1915 passam a ocorrer exibições mensais de filmes italianos. Muitos filmes produzidos durante a primeira guerra mundial tinham um cunho patriótico. Já no final de 1915 o cinema passa a se tornar um dos principais meios de transmissão do conflito, em 1917 os Estados Unidos entram na guerra, assim sendo no mesmo ano já aparecem mais filmes com a permissão dos Estados Unidos, neste momento a produção dos EUA ganha espaço em Belém junto com o público que frequentava as salas de cinema. A ideia trabalhada seria justamente a de que a primeira guerra mundial foi um incentivador para o uso do cinema como aparelho de condução e manipulação das ideias e posteriormente como uma verdadeira prática social, deste modo, a partir da primeira guerra mundial o cinema avançou com rapidez para sua consolidação como agente cultural e de forte poder de propaganda.

Com a consolidação do cinema como reprodutor de imagens e difusor da propaganda política da primeira guerra mundial. Os filmes que chegavam a Belém no final da segunda década do século XX, vindo majoritariamente dos Estados Unidos, eram consumidos de maneiras diferentes pelas plateias que frequentavam as salas de projeção, neste sentido Graeme Turner nos explica a ideologia imbricada nos filmes não apenas desse período “A ideologia atua para obscurecer o processo da história, de modo que pareça um processo natural, que não podemos controlar, e cujo questionamento pareceria grosseiro. A história, porém, é o produto de interesses concorrentes, todos tentando localizar seus próprios

---

<sup>17</sup> VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a Análise Fílmica*. Trad. Marina Appenzeller. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 56.



interesses como sendo aqueles da nação.”<sup>18</sup>, ainda segundo Turner “A ideologia de um filme não assume a forma de declarações ou reflexões diretas sobre a cultura. Ela se encontra na estrutura narrativa e nos discursos usados em imagens, mitos, convenções e estilos visuais”<sup>19</sup>.

Pode-se inferir que os discursos podem ocupar um lugar que pode ser frágil, já que os discursos carregam as concepções em torno daquilo que o pronunciante acredita. Em um filme o se apresenta é o contexto de uma determinada visão de mundo, o que nos permite citar Bakhtin sobre os discursos “Não são as palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou coisas más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.”<sup>20</sup>. Assim sendo, na sociedade Belenense no início do século XX, a diversidade dos sujeitos que frequentavam as salas de cinema poderiam atribuir significados diferentes para o que acabaram de assistir. Por essa massa que frequentava os cinemas ser formada por uma maioria tão heterogênea, existiam cinemas para todas as classes social, e por vezes antagônica.

Deste modo Podemos destacar o papel ativo do espectador nas salas de Belém em meados da segunda década do século passado. Podiam se encontrar nos filmes que eram passados nos cinemas de Belém outras faces que não conhecemos nem que ouvimos falar, que são criadas pela imaginação ficcional do cineasta, enfim, através do cinema agora podiam revê-las todas espetacularizadas, sejam os novos costumes, incrustados pelos filmes norte-americanos, que fez a igreja católica ter necessidade de interceder por meio de seu jornal, *A Palavra*, em favor da moral e bons costumes assim como a ideologia transportada nos filmes que retratavam a primeira guerra mundial.<sup>21</sup> No jornal *A Folha do Norte* é possível perceber não só o papel ativo do telespectador como também das estrelas do cinema coma Theda Bara, já que seus filmes faziam um sucesso muito grande:

A critica a moralidade dos filmes que eram exibidos nos cinemas belenenses no período estudado não advinha apenas da igreja católica, vinha também dos donos dos teatros, neste caso o teatro *Eden* que não exibia filmes apenas espetaclos de teatro e de dança,

---

<sup>18</sup> TURNER, Graeme. *Cinema como pratica social*. São Paulo: Summus,1997, p. 131.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>20</sup> BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 88.

<sup>21</sup> CARNEIRO, Eva. *A Recepção Cinematográfica e as Representações Sociais de Gênero na Belém dos Anos de 1920*. História e-História, v. 4, p. 1, 2011.



representados pelas suas colunas diárias no jornal a *A Folha do Norte* na coluna *Fitas e Palcos*:

Há a compreensão que o espectador tem uma importância central para a história do cinema, já que a história do cinema não se faz apenas com os signos fílmicos. As primeiras décadas do século XX, mas especificamente após 1910, marcam um período de pujança do cinema em Belém, com a consolidação de uma rede fixa de cinemas em contraponto com cinema ambulante que marcou a primeira década do cinema em Belém, o êxito comercial desses espaços de exibição só foi possível, pois havia em Belém um grande número de pessoas que se identificavam com o que passava nos cinemas e o que era nele vinculado.

Trabalhar com o cotidiano através dos cinemas na sociedade local não é homogeneizar as relações criadas em torno deste ambiente, mas sim perceber que as várias formas de se relacionar com o espaço difere dentro da sociedade. Ou seja, visualizar a história do cotidiano, apenas como hábitos e rotinas a se repetirem não se leva em consideração as abordagens do cotidiano relacionadas às tensões e confrontos, como nos diz Maria Izilda Matos “Deixando entrever um mundo onde se multiplicam formas peculiares de resistência, integração, diferenciação, permanência, transformação, onde a mudança não está excluída, mas vivenciada de diferentes formas”<sup>22</sup>. Desse modo, pesquisar o cinema em Belém na segunda década do século XX é apreender que ele atende a interesses diversificados.

Leif Furhammar e Folke Isaksson, no livro *Cinema e Política*<sup>23</sup>, procuram discutir o cinema a partir da primeira guerra, como instrumento político com fins de propaganda. Segundo eles, “(...) *Geralmente os filmes de propaganda são um meio de explorar um dado clima de opinião como de exercer uma influencia (...)*”<sup>24</sup>. Por isso a importância de se analisar o momento histórico, social, político e cultural para travar o debate cinema-história.

Continuam suas ideias questionando que “*a velha ideia de que os filmes podem ser considerados apenas como diversão e arte, ou eventualmente ambos, é atualmente encarada com crescente ceticismo (...)*”. E acrescentam ainda.

---

<sup>22</sup> Mattos, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002, P. 26.

<sup>23</sup> FURHAMMAR, Leif e ISAKSSON, Folke. *Cinema e Política*. Tradução de Júlio Cezar Montenegro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

<sup>24</sup> Ibid, p. 13.



“É amplamente reconhecido que os filmes refletem também as correntes e atitudes existentes em uma determinada sociedade, sua política.”. (Furhamar e Issaksson, 1976:06)

Assim sendo, como já foi dito, o cinema não deve ser encarado somente como um produto de diversão ou obra de arte a ser visualizada e apreciada, mas também como um produto da sociedade em que está inserido, possuindo conteúdo político que pode estar implícito ou explícito nas películas. Por isso, o trabalho do historiador com o cinema deve apontar para essas problemáticas, que também fazem parte da própria organização da sociedade.

O cinema passou a fazer parte do cotidiano paraense como um espaço social, servindo não só como evento público ou de entretenimento, mas também a outros propósitos. Além de buscar entender que o cotidiano criado pelos cinemas na sociedade local não homogeneízam a relações em torno desse ambiente, mas sim perceber que as varias formas de se relacionar com espaço diferem de uma sociedade para outra.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Luiz Alexandre M. de. Haverá espetáculo mesmo que chova: o espetáculo dos cinematógrafos em Belém do Pará (1900-1910). Monografia curso de história da UFPA. Belém, 2011.

BAZIN, Andre. O Cinema: Ensaios, SP, Brasiliense, tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro. 2005.

BENJAMIN. Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. IN: Obras Escolhidas, vol. 1, SP. Brasiliense, 7º Edição, 1994.

BERNARDET, Jean-Claude. Cinema brasileiro: *propostas para uma história*. Rio de Janeiro; Editora Paz e Terra; 1979.

\_\_\_\_\_. *O que é cinema?*. São Paulo; Editora Brasiliense; 2ª Ed.; 1980.

\_\_\_\_\_. *Brasil em tempo de cinema: ensaios sobre o cinema brasileiro*. Rio de Janeiro; Editora Paz e Terra; 2ª Ed.; 1976.



BILHARINO, Guido. *Cem anos de cinema brasileiro*. Instituto Triangulino de Cultura; 1997.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp. 1992.

CARDOSO, Wanessa Carla Rodrigues. “A elegância da alma do século XX”: a mulher e a moda na Belém dos modernistas.

CARNEIRO, Eva. *A Recepção Cinematográfica e as Representações Sociais de Gênero na Belém dos Anos de 1920*. *História e-História*, v. 4, 2011.

CHARNEY, Leo e SCHWRTZ, Vanessa R. (org.). *O Cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Regina Thompson. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

COSTA, Selda Vale da. *Cinema e Sociedade: Manaus (1897/1935)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

COSTA, Antonio. *Compreender o cinema*. Tradução: Nilson Moulin Louzado. Rio de Janeiro. 1997.

DUTRA, Roger Andrade. *Da historicidade das imagens à historicidade do cinema*. IN: *Projeto História*. São Paulo, n. 21, 2000.

FANTIN, Mônica. *Da mídia-educação aos olhares das crianças: Pistas para pensar o cinema em contextos formativos*. Projeto Capes/CNPq.

FERRO, Marc. *O filme: uma contra análise da sociedade?* In: Le Goff, J. NORA. P. (Organizadores). *História Novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

\_\_\_\_\_. *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FURHAMMAR, Leif e ISAKSSON, Folke. *Cinema e Política*. Tradução de Júlio Cezar Montenegro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 06.

GOMES, Paulo Emilio Salles. *Pequeno cinema antigo: panorama do cinema brasileiro (1896-1966)*. In: *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro; Editora Paz e Terra; 1980.

GUEDES, Januário. *Apontamentos para uma história do cinema paraense*. In: *Revista Asas da Palavra – 100 anos de cinema*. Belém; Ed. Unama; 1995.



KORNIS, Mônica Almeida. *História e Cinema: um debate metodológico*. Revista Estudos Históricos, FGV, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

LEUTRAT, Jean-Louis. *Uma Relação de diversos andares: Cinema e História*. Revista Imagens, n. 5, ago/dez 1995.

LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (coord.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MATTOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NÓVOA, Jorge. FRESSATO, Soleni Biscouto, FEILGELSON, Kristian (organizadores). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA, São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Relivaldo Pinho de. *Cinema na Amazônia: textos sobre exibição, produção e filmes*. Belém; CNPQ. 2004.

PETIT, Pere. *Cinema e História no fim da Belle-Époque Belenense (1911-1913): Contribuição ao Cinema Paraense do cineasta Ramon de Baños*. Cadernos CERU (USP), v. 22, p. 15-44, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ramon de Baños, do Rio Branco ao Olympia*. In: Pedro Veriano; Luzia Álvares. (Org.). *Cinema Olympia Cem Anos de História Social em Belém (1912-2012)*. Cinema Olympia Cem Anos de História Social em Belém (1912-2012). Belém: Gepem, 2012, v. , p. 57-80.

\_\_\_\_\_. *Filmes, Cinemas e Documentários no fim da Belle Époque no Pará (1911-1914)*. In: ANPUH - XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 01-08.

Reis, Valeria Vilma Eleutério. *Luz e sombra: Cinema e modernidade em Belém do Pará(1912-1922)*. Monografia de conclusão de curso, UFPA, 2003.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. Belém; Paka-tatu, 2000.

SILVA, Bertino. *No Mundo Fantástico do Cinema*. Recife, PE : Massangana, 2005.

TURNER, Graeme. *Cinema como pratica social*, São Paulo, Summus, 1997.



VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a Análise Fílmica. Trad. Marina Appenzeller. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

VERIANO, Pedro. Cinema no tucupi. Belém: SECULT, 1999.

VERISSIMO, José. Estudos Amazônicos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Pará, 1970.